

AS REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE A INTER-RELAÇÃO ENTRE OS RECURSOS MONETÁRIOS E O CONSUMO NUMA PERSPECTIVA PIAGETIANA¹

REPRESENTATIONS OF CHILDREN AND TEENS ON THE INTER-RELATIONSHIP BETWEEN MONETARY RESOURCES AND CONSUMPTION IN A PIAGETIAN PERSPECTIVE

Mônica Rocha²
Maria de Lourdes Mattos Barreto³
Neuza Maria da Silva⁴
Marianela Del Carmen Denegri Coria⁵

1. RESUMO

O objetivo desse estudo, no mestrado, foi analisar e descrever as representações das crianças e dos adolescentes de 4 a 13 anos de idade sobre a inter-relação entre os recursos monetários e o consumo. O estudo está ancorado na pesquisa qualitativa, com base no método clínico piagetiano. A amostra foi composta por 60 sujeitos com média de idade de 4, 6, 7, 10, 11 e 13 anos que frequentavam escolas públicas de Viçosa, MG. Para a coleta dos dados, utilizou-se a entrevista clínica piagetiana. A análise dos dados partiu de categorias descritas por Delval e Denegri (2002) e foram classificadas em níveis (pré-I, I, II e III). As representações dos sujeitos indicaram evolução progressiva e contínua dos conhecimentos e que desde os 4 anos de idade as crianças estabelecem relações entre dinheiro e consumo, o que confirma a hipótese do estudo.

Palavras-chave: Recursos monetários. Consumo. Conhecimento social.

¹ Artigo proveniente da dissertação de mestrado intitulada de Estudo da representação sobre os recursos monetários e a sua relação com o consumo por crianças e adolescentes, em uma perspectiva piagetiana. Essa dissertação foi desenvolvida no Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa.

² Mestre em Economia Doméstica/UFV, Educadora Infantil na Prefeitura Municipal de Uibaí, BA, Brasil; email: monica.rocha@ufv.br

³ Professora do Departamento de Economia Doméstica/UFV, Viçosa, MG, Brasil; email: mmattos@ufv.br

⁴ Professora do Departamento de Economia Doméstica/UFV, Viçosa, MG, Brasil; email: neuzams@ufv.br

⁵ Professora da Universidad de la Frontera, Temuco, Araucanía, Chile; email: mdenegri@ufro.cl

2. ABSTRACT

The purpose of this study in the Master's degree, was to analyse and to describe the representations of children and adolescents of the 4 and 13 years old about the relationships among monetary resources and consumption. The study was based on qualitative research and on Piaget's clinical method. The sample was composed by 60 subjects, with average ages of 4, 6, 7, 10 and 13 years, who were enrolled in public schools, in Viçosa/MG. To collect the data, Piaget's clinical interview was used. The data analysis was based on the categories described by Deval and Denegri (2002), and were classified in levels (pre-I, II, and III). Subjects' representations this indicated a progressive and continuous evolution of knowledge, and that since the 4 years old the children establishes relations between money and consumption, confirming the hypothesis of the study.

Keywords: Monetary resources. Consumption. Social knowledge.

3. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade de consumo, e não podemos negar isso. As crianças, desde que nascem, recebem influências dessa sociedade como também influenciam a sociedade por meio das interações sociais que estabelecem. Desta forma, é preciso conhecer o que as crianças e os adolescentes pensam e sentem com relação ao consumo e sua relação com os recursos monetários, pois só assim poderemos conhecer como esses sujeitos estão se tornando sujeitos de consumo.

Essa constatação mostra que o conhecimento da criança não é mera reprodução do que é transmitido pelo adulto, e sim uma construção ativa e reflexiva. Nesse sentido, este estudo problematizou como crianças e adolescentes de 4 a 13 anos de idade constroem o conhecimento sobre a relação entre os recursos monetários e o consumo.

Diante de tal problema, levantou-se a seguinte hipótese: as crianças desde os 4 anos fazem representações sobre a relação entre os recursos monetários e o consumo. Essas representações vão mudando, progressivamente, à medida que os sujeitos se desenvolvem, partindo de ideias previamente formadas até as mais complexas. Assim, em cada nível de conhecimento as representações das crianças serão diferentes e norteadas pela estrutura de seu pensamento. No entanto, nem todas as crianças da

mesma faixa etária ou do mesmo nível de desenvolvimento cognitivo estão no mesmo nível de construção do conhecimento sobre a relação entre os recursos monetários e o consumo.

Os estudos de Denegri (2002) apontaram que o pensamento econômico dos sujeitos evolui progressivamente desde o foco nos aspectos visíveis e materiais do dinheiro a uma conceitualização mais abstrata dos recursos monetários como meio de troca. Os sujeitos constroem esse conhecimento econômico à medida que se desenvolve cognitivamente, ao manejarem dinheiro e pela educação financeira.

4. OBJETIVOS

Com a finalidade de entender como os sujeitos constroem o conhecimento social da relação entre o dinheiro e o consumo, este estudo objetivou analisar e descrever a representação das crianças e dos adolescentes de 4 a 13 anos sobre a inter-relação entre os recursos monetários e o consumo. Especificamente, os objetivos foram:

- Identificar o conhecimento construído pelas crianças e pelos adolescentes sobre a relação entre os recursos monetários e o consumo.
- Comparar as representações das crianças e dos adolescentes de 4 a 13 anos sobre a relação entre os recursos monetários e o consumo.
- Analisar a evolução no conhecimento dos sujeitos sobre a relação entre os recursos monetários e o consumo.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico foi constituído por dois itens que fundamentaram os dados deste estudo. O primeiro item refere-se aos pressupostos sobre os recursos monetários relacionados com o consumo, e o segundo item refere-se à construção do conhecimento a partir da perspectiva da teoria piagetiana.

5.1. Pressupostos sobre os Recursos Monetários e o Consumo

Os significados do uso do dinheiro mudam à medida que os sujeitos passam por momentos diferentes no ciclo de vida. Assim, o dinheiro não só possui valor econômico, como também significado simbólico expresso pelos afetos, emoções, sentimentos, desejos e atitudes (DENEGRÍ, 2002). Quando queremos algo, geralmente trocamos uma coisa por outra, ou seja, é trocada pelo dinheiro, quase tudo é comprado. O valor do dinheiro é determinado pelo valor de troca. Os tipos de recursos monetários como as cédulas, moedas, cheques e cartões só existem para facilitar a troca dos produtos (JAFFÉ; SAINT-MARC, 2005).

A movimentação do dinheiro permite que as trocas comerciais se intensifiquem, tornando-as globalizadas, e que os produtos circulem pelas importações e exportações. As trocas mercantis dos bens e serviços são apoiadas na circulação do dinheiro como pagamento pelo bem ou serviço adquirido (ITURRA; LARRAÍN, 1996).

Desde que nasce, o ser humano necessita satisfazer suas necessidades fisiológicas para se manter vivo. Todas as pessoas necessitam de abrigo para se proteger e de educação para adquirir conhecimentos. O desejo faz parte da vida de todos e, às vezes, se parece com uma necessidade (JAFFÉ; SAINT-MARC, 2005).

Segundo Maslow (1970), citado por Gade (1980), os desejos e as necessidades são organizados em ordem hierárquica. Primeiramente, devem ser satisfeitas as necessidades fisiológicas que são as básicas para a sobrevivência do ser humano como a fome, sede, sono, ar etc. Depois, procura-se satisfazer as necessidades de segurança, que são as de abrigo, de se vestir etc. A seguir, as necessidades a serem satisfeitas são as de afeto. Depois, as pessoas podem satisfazer as necessidades de *status* e de estima. E, por último, procura-se satisfazer as necessidades de realização, como o autodesenvolvimento e o autoconhecimento.

As decisões econômicas são determinantes pelos fatores pessoais, sociais, culturais, situacionais e econômicos que estimulam ou inibem a conduta das pessoas. Os fatores pessoais consistem nas características de personalidade, estilo de vida, normas e valores e do nível econômico de alfabetização, sendo influenciados pelo local onde as pessoas residem, pela faixa etária e pelo gênero. Os fatores sociais e culturais referem-se à classe socioeconômica a que as pessoas pertencem, às expectativas sociais e às

características do sistema político e cultural. Os fatores situacionais são as condições e circunstâncias que limitam ou não as decisões econômicas como tamanho da família, situações de mercado etc. Os fatores econômicos se relacionam à percepção que as pessoas têm da economia, provocam pessimismo ou otimismo e geram expectativas que influenciam as decisões de gastar, poupar ou investir (DENEGRÍ, 2002).

Todos esses fatores influenciam a tomada de decisões dos consumidores ao desejarem produtos e ou serviços. Esses desejos mudam ao longo do ciclo de vida das pessoas porque as necessidades, desejos e preferências vão sendo outros à medida que se desenvolvem.

5.2. Construção do Conhecimento na Teoria Piagetiana

Na perspectiva construtivista, o sujeito é ativo no seu processo de desenvolvimento, pois, ao interagir com o outro meio ambiente em que vive, abstrai informações que são organizadas nas estruturas mentais (AMAR et al., 2003). O desenvolvimento cognitivo dos sujeitos depende da ação das invariantes funcionais da estrutura mental - adaptação e organização - que estão em constante funcionamento por estarem nas ações humanas (ALESSANDRINI, 1997).

A organização é o autorregulador do sistema cognitivo porque os esquemas são organizados num todo coerente (BARROSO, 2000). A adaptação é o cerne da atividade biológica e intelectual, pois os organismos se adaptam ao ambiente pela assimilação e acomodação. A assimilação caracteriza-se pela incorporação de novos esquemas aos já existentes. A acomodação é a modificação, variação ou criação de esquemas no organismo, acarretando mudanças neste mesmo organismo (COLE; COLE, 2004).

O desenvolvimento cognitivo dos sujeitos é explicado pelos fatores de desenvolvimento que são: maturação e hereditariedade, exercício e experiência, interações e transmissões sociais e equilíbrio. A maturação consiste no crescimento interno do organismo, principalmente do sistema nervoso e endócrino. A hereditariedade são as características que herdamos da família (CANTELLI, 2000).

O fator exercício supõe a ação sobre os objetos, enquanto a experiência se divide em experiência física e experiência lógico-matemática. A experiência física consiste na ação exercida sobre os objetos pelo sujeito ao abstrair as propriedades físicas destes

objetos (BARRETO, 2008). A experiência lógico-matemática refere-se às coordenações das ações, sendo feita mentalmente a partir da abstração reflexiva (ALESSANDRINI, 1997). A interação e a transmissão social constituem o fator que depende da influência mútua das pessoas ao trocar informações que afetam a construção do conhecimento social (WADSWORTH, 1984).

A equilibração é responsável pela estabilidade do sistema cognitivo nas construções parciais e nos fechamentos que ocorrem na passagem de um estágio a outro. É o fator mais importante, pois a autorregulação permite que o sistema atinja melhor adaptação do organismo com o esforço que o sujeito faz para superar os desequilíbrios (CANTELLI, 2000).

Segundo Piaget, há três tipos de conhecimentos, e cada um possui suas especificações, mas um não se constitui sem o outro. O conhecimento físico é o conhecimento que os sujeitos constroem ao abstrair empiricamente as propriedades físicas dos objetos. O conhecimento lógico-matemático é aquele construído a partir da coordenação cognitiva da ação exercida pela criança. O conhecimento social é o conhecimento que a criança constrói ao abstrair informações das pessoas e ao interagir com os outros (WADSWORTH, 1984).

O conhecimento social é arbitrário, assimilado pelas representações das crianças sobre o mundo. As trocas sociais estabelecidas pelas crianças definem e determinam as construções de conhecimento em cada faixa etária, correspondendo às aquisições mentais e suas organizações. Dessa forma, podem-se verificar as estruturas cognitivas integradas num conjunto ocorrendo em forma espiral (PIAGET, 1964). Os estágios de desenvolvimento são:

Sensório-motor (até os 2 anos): Consiste numa adaptação prática ao mundo, das ações reflexas às voluntárias no decorrer do desenvolvimento. As experiências dos bebês consistem na coordenação das percepções sensoriais e nas ações motoras.

Pré-operatório (dos 2 aos 7 anos): Caracteriza-se pela representação. A criança é capaz de representar mentalmente um fato que não está presente no momento da representação. O egocentrismo intelectual, característico deste período, é o não reconhecimento e a não aceitação, pela criança, da visão dos outros, concebendo o mundo a partir de seus próprios pensamentos e sentimentos (WADSWORTH, 1997).

Operatório concreto (7 aos 12 anos): O pensamento torna-se lógico, pois as crianças começam a se descentrar dos aspectos visíveis dos objetos e são capazes de classificar, seriar, ordenar, separar, combinar e entender as transformações. Essas ações são internalizadas e constituem o sistema lógico.

Operatório formal (a partir dos 12 anos): O sujeito é capaz de pensar sobre suas operações, independentemente do conteúdo, e é capaz de manipular e organizar suas ideias abstratas num todo coerente.

Segundo Piaget, os sujeitos dependem de suas ações físicas e mentais para desenvolver o pensamento lógico, porque as ações exercidas sobre os objetos e pessoas levam ao desenvolvimento das operações que são ações internalizadas, e as operações levam ao desenvolvimento das estruturas (WADSWORTH, 1984).

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa empírica é qualitativa, pois consiste num estudo exploratório para compreender as ideias dos sujeitos sobre sua realidade. Quanto aos objetivos da pesquisa, ela é exploratória e descritiva por explorar os dados para depois descrever suas características. E para compreender as mudanças no desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, utilizou-se o delineamento transversal, que, segundo Cole e Cole (2004), agrupa as informações dadas pelos sujeitos de diferentes idades ao mesmo tempo.

Utilizou-se o método clínico para compreender a construção do conhecimento a respeito dos recursos monetários e do consumo. Este método consiste numa constante intervenção do pesquisador ao realizar perguntas em função das respostas dos sujeitos, visando a seguir o caminho de seus pensamentos (DELVAL, 2002).

A população foi composta por crianças e adolescentes de escolas públicas da cidade de Viçosa, MG. A amostra constou de 60 sujeitos. Na Escola Municipal A, participaram 10 crianças de 4 anos, e na Escola Municipal B, 50 sujeitos nas idades de 6, 7, 10, 11 e 13 anos.

A seleção dos sujeitos foi feita conforme amostragem intencional. Segundo Marconi e Lakatos (2006), é uma amostragem não probabilística em que o pesquisador define intencionalmente os sujeitos desejados na pesquisa, baseando-se no estabelecimento de determinados critérios. Os sujeitos da pesquisa a serem

entrevistados foram selecionados tendo como critério a idade, sendo escolhidos aqueles que se encontravam nas idades compreendidas em cada faixa etária.

O primeiro procedimento de coleta foi entrar em contato com as diretoras das escolas selecionadas e apresentar os objetivos da pesquisa, a solicitação de permissão e a autorização para a realização da pesquisa. Após a autorização, foi feito um levantamento dos sujeitos nas turmas do 1º, 2º, 5º, 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental da Escola Municipal B e nas turmas do 1º período de educação infantil da Escola Municipal A.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevista individual, do tipo clínica, que consta de perguntas básicas e complementares que surgem a partir da resposta da criança. Como apoio à entrevista, utilizou-se material concreto, e para uso dos recursos monetários, foram utilizadas quatro imagens. O instrumento foi testado quatro vezes por meio de um estudo-piloto, tendo sido em cada fase as perguntas básicas das entrevistas corrigidas e ajustadas até chegar ao modelo final que pudesse ser compreendido pelas crianças e pelos adolescentes.

As entrevistas foram gravadas e ocorreram em salas das respectivas escolas. Ao iniciar a entrevista, explicava-se aos sujeitos o objetivo da pesquisa e se perguntava se eles participariam, e todos os sujeitos aceitaram. Foram anotados, em protocolo de entrevista, os dados dos sujeitos e suas reações. Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas e os dados, tratados.

Para analisar os dados, as respostas de cada sujeito foram classificadas conforme os cinco tipos de respostas descritos por Piaget, que são: não importismo - as crianças não se importam com a pergunta e respondem qualquer coisa; fabulação - as crianças inventam uma história ao serem questionadas; crença sugerida - o pesquisador sugere à criança a resposta que deseja; crença desencadeada - o sujeito raciocina sobre a pergunta e responde conforme o que pensou; e crença espontânea - a criança responde sem precisar pensar, por ter construído esse pensamento.

A análise das respostas foi realizada a partir da definição das categorias de análises estabelecidas para a pesquisa. A categoria de análise definida foi sobre o uso dos recursos monetários. Essa categoria foi comparada com as categorias de análises descritas em níveis de desenvolvimento por Delval e Denegri (2002). Em suas pesquisas com crianças e adolescentes dos 6 aos 16 anos, foram estabelecidos os níveis I, II e III.

A classificação dos níveis dessa pesquisa foi nível pré-I, nível I, nível II e nível III. Como nas pesquisas de Delval e Denegri (2002), as crianças na faixa etária de 4 anos não foram incluídas, foi necessário criar o nível pré-I. Além disso, as respostas classificadas como não importistas e fabuladas foram qualificadas como nível pré-I. As representações das crianças e dos adolescentes sobre os recursos monetários e sua inter-relação com consumo foram descritas com base nas representações descritas por Delval e Denegri (2002), Karsaklian (2000) e Gade (1980).

Esses níveis mostram as representações dos sujeitos em cada faixa etária. Assim, o conceito de representação, utilizado neste estudo, segue o da teoria da representação de Piaget, que afirmou ser tudo aquilo que o ser humano faz. E, para representar sua ideia, o ser humano usa símbolos (BARRETO, 2008).

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta categoria da inter-relação dos recursos monetários com o consumo, as representações dos sujeitos são expostas na subcategoria “uso dos recursos monetários”. Nessa subcategoria, são apresentadas as representações sobre esse conhecimento dos sujeitos com médias de idade de 4, 6, 7, 10, 11 e 13 anos. A evolução cognitiva dessas representações pode ser observada na Tabela 1, referente à média dos níveis de representação de conhecimento dos sujeitos sobre a relação dos recursos monetários vs. consumo.

Tabela 1 – Média dos níveis de representação de conhecimento na categoria relação dos recursos monetários com o consumo pelos grupos de sujeitos, Viçosa, MG, 2009

Média de Idade	Uso dos Recursos Monetários			
	Níveis %			
	PN I	I	II	III
4 anos	100	-	-	-
6 anos	30	70	-	-
7 anos	10	90	-	-
10 anos	-	30	70	-
11 anos	-	30	70	-
13 anos	-	10	40	50

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme a categoria relação dinheiro vs.⁶ consumo, as crianças do nível pré-I, sendo 100% com 4 anos, 30% com 6 anos e 10% com 7 anos, quando recebem dinheiro, geralmente compram balas, pirulitos, chicletes. Essa ideia mostra como as crianças dos 4 aos 6 anos procuram por produtos de consumo imediato. A representação da criança de 4,3 anos exemplifica esse consumo imediato:

Quando você recebe dinheiro, o que você faz? -*Compra*⁷. O que você compra com seu dinheiro? -*Compra bala... chiclete... chiclete (Criança 1 – 4,3 anos – Nível pré-I).*





As representações das crianças do nível pré-I são confirmadas por Marshall e Magruder (1960 *apud* KARSAKLIAN, 2000), ao comentaram que as crianças de 4 e 5 anos precisam ter experiência para construir seus conhecimentos econômicos. Elas precisam receber dinheiro para gastá-lo sem fazer uma escolha específica, mas comprando aquilo que querem de imediato.

Foi elaborado material concreto sobre os diversos usos dos recursos monetários que serviu de apoio para crianças de 4, 6, 7, 10 e 11 anos. Esse material não foi apresentado aos adolescentes de 13 anos, pois o estudo-piloto indicou que não se fazia necessária sua utilização. O Quadro 1 apresenta o material concreto que serviu de apoio ao pensamento das crianças quanto aos questionamentos sobre o uso dos recursos monetários.

⁶ Vs. Significa versos.

⁷ As falas dos sujeitos da pesquisa estão em *itálico*.

Quadro 1 – Material concreto que serviu de apoio aos questionamentos sobre o uso dos recursos monetários, Viçosa, MG, 2009

<p>07 - Criança comprando comida (arroz, feijão, biscoito)</p> 	<p>08 - Criança comprando bala, chiclete</p> 
<p>09 - Criança guardando dinheiro no cofre</p> 	<p>10 - Criança guardando dinheiro no banco com os pais</p> 

Fonte: Instrumento para coleta de dados da pesquisa.

Para esse material concreto, as crianças do nível pré-I identificaram as imagens 7 e 8 como uma criança que estava comprando, mas não relataram o que era comprado. Os sujeitos reconheceram a imagem 9, criança guardando dinheiro no cofrinho, mas não identificaram a imagem 10, criança com o seu pai guardando dinheiro no banco, e fabularam ao tentar identificá-la. Os extratos a seguir ilustram a identificação desse material:

Você pode me falar sobre o que está vendo nas gravuras?

Figura 07: *O menino foi comprar.* Figura 08: *Esses meninos tá comprando um pililito (Criança 1 – 4,3 anos – Nível Pré-I).*

Figura 09: *A menina tá colocando o dinheiro no cofrin (Criança 8 – 4,5 anos - Nível Pré-I).*

As crianças do nível Pré-I querem ter dinheiro para comprar e sabem que o dinheiro serve para fazer compras. Delval e Denegri (2002) confirmam esse tipo de representação ao citarem que as crianças de 4 a 6 anos achavam que a única função do dinheiro fosse fazer compras. Isso ocorre, segundo Piaget e Inhelder (2006), porque crianças de 4 anos ainda se encontram centradas nos aspectos visíveis dos objetos, e o

egocentrismo intelectual não permite a percepção de outros aspectos. Esse tipo de representação pode ser visto no extrato a seguir:

Você quer ter dinheiro? – (Balança a cabeça pra cima e pra baixo). Para fazer o quê? – *Comprar coisas... danoninho*. Para que serve o dinheiro? – *Comprar muitas coisas. Serve para um monte de coisas* (**Criança 02 – 4,5 anos – Nível Pré-I**).

Os sujeitos do nível pré-I acham que todas as pessoas possuem dinheiro para comprar coisas, entretanto não justificam suas ideias, que estão voltadas, segundo Delval e Denegri (2002), para sua realidade social, e o seu pensamento egocêntrico só permite que os sujeitos representem o que foi percebido. Essa ideia está representada no extrato a seguir:

Você acha que todas as pessoas possuem dinheiro para comprar coisas? – *Sim*. Por quê? – *Para comprar as coisas que não tem em casa*. Você acha que todas as pessoas possuem dinheiro para guardar? – *Hum hum*. Por quê? – *Para comprar outras coisas* (**Criança 10 – 6,7 anos – Nível Pré-I**).

Essa representação mostra que as crianças dessa faixa etária possuem suas representações no nível pré-I, estando em mobilidade para o nível I, mas ainda não conseguem compreender o dinheiro como um instrumento de intercâmbio. Apesar de todas as limitações nas suas representações, pode-se verificar que mesmo as crianças muito pequenas fazem relação entre dinheiro e consumo, indicando que as percepções sobre essa relação vão sendo construídas desde a mais tenra idade.

Os sujeitos do nível I, 70% com 6 anos, 90% com 7 anos, 40% com 10 anos, 20% com 11 anos e 10% com 13 anos, relataram que quando possuíam dinheiro compravam as coisas de que precisavam e juntavam para depois gastá-lo. Essa ideia pode ser exemplificada com a representação a seguir:

Quando você recebe dinheiro, o que você faz? – *Tem vez que eu gasto, tem vez que eu deixo*. Eu... *eu gasto pouco e guardo mais* (**Criança 5 – 7,1 anos – Nível I**).

As representações das crianças do nível I estão de acordo com Karsaklian (2000), ao afirmar que as crianças de 6 e 7 anos gastam o dinheiro em mercadorias. Elas não pensam em que usá-lo, compram o produto que veem e desejam. Começam a pensar na ideia de guardar dinheiro, mas com a intenção de gastá-lo no futuro próximo.

Quanto ao material concreto sobre o uso do dinheiro, Quadro 1, as crianças do nível I identificaram as imagens 7 e 8 – crianças comprando mercadorias e doces;

imagem 9 – criança guardando dinheiro no cofrinho; e na imagem 10, não compreenderam e relataram que a criança vai ao banco. A identificação sobre o material concreto é exemplificada nas representações a seguir:

Você pode me falar sobre o que está vendo nestas gravuras? Figura 07: *O menino tá comprando pão, mochila e sabonete.* Figura 08: *Eles estão comprando isso tudo aqui... esses doces. Ele só vende doces... tem caneta para assinar umas coisas... ele tem calculadora.* Figura 09: *Ela guarda o dinheiro no cofre. E isso aqui... ela já ia guardar na carteira. Isso aqui não cabe no cofre* (Apontou as cédulas na mão da menina) **(Criança 5 – 7,1 anos – Nível I).**

Figura 10: *Essa aqui é quando as pessoas vão receber dinheiro no banco* **(Criança 3 – 7,10 anos – Nível I).**

Os sujeitos do nível I querem ter dinheiro para comprar coisas. Compreendem que o dinheiro serve para comprar coisas como alimentos e guardar e usar quando precisar. Essa ideia é representada pela criança de 6,7 anos:

Você quer ter dinheiro? *-Mais ou menos.* Por quê? *-Porque dinheiro dá pra comprar muita coisa: frutas, verduras, roupas, lacinho.* Para que serve o dinheiro? *-Para comprar.* Uma criança de sua idade me falou que o dinheiro serve também para guardar, emprestar, o que você acha? *-Eu acho que é certo.* Por quê? *-Porque se guardar... algum dia pode precisar e pode guardar um pouco, não gastando tudo* **(Criança 3 – 6,7 anos – Nível I).**

As crianças do nível I achavam que nem todas as pessoas possuíam dinheiro para comprar coisas porque algumas pessoas não trabalham e, conseqüentemente, não recebem dinheiro. A representação da criança de 7,10 anos mostra que ela sabe que nem todas as pessoas possuem dinheiro para comprar, mas ela ainda não entende a escassez do dinheiro. Os sujeitos do nível I pouco relacionam uma ideia à outra; e isso ocorre, segundo Delval e Denegri (2002), porque os sujeitos dos 6 aos 10 anos baseiam suas explicações nos aspectos visíveis e não percebem os processos ocultos, como pode ser verificado no extrato a seguir:

Você acha que todas as pessoas possuem dinheiro para comprar coisas? *- Todos não, nem todos.* Por quê? *-Porque algumas não recebem dinheiro, outras não têm... e vai indo... vai indo... vai indo assim.* Você acha que todas as pessoas possuem dinheiro para guardar? *-Nem todas.* Por quê? *-umas pessoas possuem... outras gastam o dinheiro todo... outros gastam bastante... outras ficam sem dinheiro* **(Criança 03 – 7,10 anos – Nível I).**

Entretanto, 50% das crianças com 6 anos achavam que todas as pessoas possuíam dinheiro porque precisavam comprar coisas; e 40% das crianças com 7 anos achavam que todas as pessoas possuíam dinheiro porque elas trabalhavam muito. As

representações desses sujeitos estão ligadas aos aspectos de que com dinheiro se compram coisas, e as pessoas trabalham para ter dinheiro. Entretanto, segundo Delval e Denegri (2002), como eles não possuem os sistemas integrativos, ou seja, não conseguiam relacionar uma ideia à outra, baseavam suas explicações nos aspectos chamativos da sua realidade cotidiana.

Já as crianças do nível II, que eram 70% de 10 anos, 70% com 11 anos e 40% com 13 anos (Tabela 1), quando recebiam dinheiro, gastavam, compravam as coisas que queriam com uma parte e a outra era poupada para comprar coisas caras que desejavam. Sobre o uso do dinheiro, o exemplo de representação a seguir ilustra essa ideia:

Quando você recebe dinheiro, o que você faz? -Eu coloco dentro da minha bolsinha e vou juntando, depois eu gasto. Mas, eu não gasto tudo de uma vez não, vou gastando uma parte, quando eu vou comprar um brinquedo aí sim, eu gasto tudo. Pra comprar o brinquedo, se ele for o preço do que tenho **(Criança 10 – 11,9 anos – Nível II).**

As representações das crianças do nível II são confirmadas por Derbaix (1975, 1982), citado por Karsaklian (2000), ao afirmar que crianças com idade acima de 8 anos, quando veem um produto, desejam-no e depois, se tiverem condições financeiras de comprá-lo, adquirem-no. E a partir dos 10 anos, as crianças poupam dinheiro para comprar alguma mercadoria que desejam e que tem preço mais elevado.

Quanto ao material concreto, Quadro 1, as imagens 7, 8 e 9 foram identificadas pelas crianças do nível II. Entretanto, a imagem 10, criança indo com o pai ao banco depositar dinheiro, foi identificada por 40% dos sujeitos com 10 anos e 40% das crianças com 11 anos. As crianças identificaram o banco, mas relataram que a criança e seu pai foram ao banco pegar dinheiro. Não é possível saber se a não identificação ocorreu porque os sujeitos pesquisados não frequentam o banco constantemente, ou se foi porque o material concreto não ficou adequado. A representação a seguir expõe a identificação das imagens do material concreto:

Você pode me falar sobre o que está vendo? Figura 07: -Esse menino tá comprando alguma coisa no supermercado. Figura 08:-Aqui cada um tá comprando um doce. Figura 09:-A menina tá economizando, pondo dinheiro no porquinho dela. Figura 10: -Aqui é um banco! As pessoas tão recebendo, tão ganhando dinheiro. A menina foi com o pai dela **(Criança 3 – 11,5 anos – Nível II).**

As crianças do nível II querem ter dinheiro para comprar o que desejam no momento e, ou, para juntar para utilizar futuramente. E para essas crianças, o dinheiro

serve para comprar coisas, pagar as contas, guardar para comprar produtos caros e para emprestar às pessoas que não possuem dinheiro. Essas ideias são exemplificadas pelas representações das crianças dos extratos a seguir:

Você quer ter dinheiro? -*Hum hum* (Sim). Para fazer o quê? -*Pra comprar as coisas que eu quero... que eu preciso* (Criança 7 – 11,5 anos – Nível II).

Para que serve o dinheiro? -*Pra gente comprar tudo o que a gente precisa, tudo que a gente quer, é: a roupa, sapato, alimentos, brinquedos, livros.* Uma criança de sua idade me falou que o dinheiro serve para guardar, o que você acha? -*Serve.* Por quê? -*Porque quando a gente precisa comprar alguma coisa a gente sempre tem um dinheirinho pra comprar, aí a gente guardou o dinheirinho a gente pode ir lá e comprar* (Criança 2 – 11,4 anos – Nível II).

As representações dos sujeitos do nível II estão de acordo com Karsaklian (2000), quando afirma que as crianças, a partir dos 9 anos, começam a entender que economizar dinheiro é um investimento para uma compra futura; assim, elas dividem o dinheiro, um pouco para gastar e um pouco para guardar para comprar algo em breve.

As crianças do nível II achavam que não são todas as pessoas que possuem dinheiro para comprar coisas porque algumas moram na rua, pedem dinheiro e não têm trabalho. Elas também sabem que nem todas as pessoas guardam dinheiro, pois gastam tudo, moram na rua, e outras nem têm dinheiro para comprar coisas. As representações a seguir mostram a ideia de que, se não se tiver dinheiro para comprar as coisas necessárias, isso afeta a sobrevivência das pessoas.

Você acha que todas as pessoas possuem dinheiro para comprar coisas? -*Não.* Por quê? -*Porque tem gente que não tem nenhum farelo de comida pra comer... aí sai pedindo... pega as coisa do lixo pra comer pra não morrer de fome.* Você acha que todas as pessoas têm dinheiro para guardar? -*Não.* Por quê? -*Porque... é... os mendigos não tem dinheiro pra comprar... porque... como eles vão guardar? Eles ganha um dinheiro..., mas como eles vão guardar esse dinheiro se eles estão com fome? Aí... eles vão comprar alguma coisa pra comer pra não morrer* (Criança 2 – 11,4 anos – Nível II).

Os 50% dos adolescentes que estão no nível III relataram que, ao receberem dinheiro, utilizavam-no para fazer compras e poupar. Eles sabiam que para poupar é preciso ter dinheiro. Além disso, como afirmam Delval e Denegri (2002), eles são capazes de analisar várias possibilidades de uma situação por terem desenvolvido o raciocínio lógico-formal e assim fazem inferências sobre sua realidade socioeconômica. Sobre o uso do dinheiro, a representação do adolescente a seguir expressa essa ideia:

Quando você recebe dinheiro, o que você faz? -*Oh! Se fosse moeda... eu gasto. Agora, se for nota grande, eu vou juntando... juntando... juntando... aí*

chega um momento que vou na loja e compro uma coisa pra mim (Adolescente 2 – 13,2 anos – Nível III).

Os sujeitos do nível III querem ter dinheiro para comprar roupas, brincos, sapatos e produtos tecnológicos. Eles querem, também, dinheiro para guardar. Para esses adolescentes, o dinheiro serve para comprar, pagar contas e fazer aplicações. A representação a seguir mostra o desejo do adolescente de usar seus recursos monetários:

Você quer ter dinheiro? -Nem todas as horas! Porque vai ter hora que não vou poder ter. Pra fazer o quê? -Para comprar, pra gastar, sei lá... vai ter horas, por exemplo: hoje, eu quero ter dinheiro pra comprar um presente para meu avô, que é aniversário do meu avô. Aí, no caso... daqui a um mês quero arrumar dinheiro pra comprar outra coisa... comprar um pão, uma bala. Cada dia é uma coisa! Para que serve o dinheiro? -Para comprar, guardar... Guardar para o futuro pro meus estudos (Adolescente 1 – 13,0 anos – Nível III).

Para as representações dos adolescentes sobre o uso dos recursos monetários, Karsaklian (2000) afirma que, quando os sujeitos vão ficando mais velhos, fazem economia para adquirir alguma coisa que é importante e que não seja de uso imediato.

Os adolescentes do nível III, ou seja, 50% dos adolescentes sabiam que não são todas as pessoas que possuem dinheiro para comprar coisas porque moram na rua, pedem dinheiro e esmolas. E sabiam que nem todas as pessoas guardavam dinheiro, pois moravam na rua e não possuíam dinheiro para comprar coisas. O extrato a seguir ilustra a representação desses adolescentes:

Você acha que todas as pessoas possuem dinheiro para comprar coisas? - Nem todas. Por quê? -Tem umas pessoas que pedem na rua, que não têm dinheiro pra comprar nenhum leite pro filho (Adolescente 3 – 13,2 anos – Nível III).

A falta de coerência nas representações de 40% dos adolescentes os classificaram no nível II, pois não conseguiram coordenar as ideias coerentemente e, segundo Piaget e Inhelder (2006), os adolescentes que se encontravam no estágio operatório formal eram capazes de refletir sobre o possível, mas pode não ser em todos os conteúdos porque cada sujeito possui experiências diferentes e interpreta as informações recebidas conforme aquilo que consegue assimilar.

Com relação ao desejo dos sujeitos de terem dinheiro para comprar, os dados indicaram que eles procuram satisfazer as necessidades fisiológicas e de segurança, pois, independentemente da idade, relacionaram a necessidade de comprar alimentos e vestimentas. No entanto, as crianças de 10 e 11 anos e os adolescentes de 13 anos

citaram, além dessas necessidades, o desejo por brinquedos, livros e produtos tecnológicos que atendem às necessidades de estima, de *status* e de realização.

Esse tipo de necessidade apresentada pelos sujeitos da pesquisa, que pertencem ao nível socioeconômico baixo, é argumentada conforme a teoria de Abraham Maslow, que cita serem os desejos e as necessidades organizados em prioridades e hierarquias. Para ele, a satisfação ocorre por níveis, primeiro devem ser satisfeitas as necessidades fisiológicas, depois as de segurança, as de afeto, de *status* e estima e, por último, as de realização. A satisfação de um tipo de necessidade não elimina o desejo de satisfazer outra necessidade (GADE, 1980).

De acordo com as representações dos sujeitos, os desejos e necessidades a serem satisfeitos são diferentes conforme a idade dos sujeitos. Os mais novos, dos níveis pré-I e I, desejam comprar coisas como os alimentos e os dos níveis II e III desejam os alimentos e vestimentas, entre outros. Diante dessa ideia, Solomon (2002) afirmou que os adolescentes escolhem atividades e objetos específicos para o seu grupo para expressarem suas identidades, seus gostos e para explorar o mundo.

Foi verificado, também, que os sujeitos da mesma faixa etária se encontram em níveis diferentes no que concerne à compreensão do conhecimento social dos recursos monetários vs. consumo. Isso ocorre devido ao fato de esse conhecimento ser construído pela interação e transmissão social. Segundo Denegri (2002), este fato acontece porque muitas vezes os pais não compreendem a realidade econômica, e suas condutas são observadas e transmitidas aos filhos que tendem a seguir a influência de suas famílias.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e a discussão dos dados possibilitaram identificar como as crianças e os adolescentes constroem a relação entre os recursos monetários e o consumo ao longo do seu desenvolvimento. Essa construção de conhecimento se deve à interação do sujeito com o outro, à transmissão de informações sobre os recursos monetários e o consumo, bem como ao exercício e às experiências que realizam.

Os sujeitos do nível pré-I apresentaram desejos de consumir produtos alimentícios, balas e chicletes, e o dinheiro é usado com a única função de comprar. Suas ideias são baseadas na realidade cotidiana, econômica e social, ao participarem e

fazerem compras. As crianças do nível I procuravam consumir produtos alimentícios e o dinheiro serviria para comprar e guardar. Suas explicações são ancoradas nos aspectos visíveis percebidos nos produtos que são consumidos no cotidiano de suas famílias e na manipulação dos recursos monetários.

As crianças do nível II compreendem que o dinheiro possui as funções de comprar mercadorias, pagar contas, emprestar às pessoas e poupar. Elas procuram consumir produtos alimentícios e do vestuário. Esses sujeitos são capazes de considerar vários aspectos que envolvem o desejo de consumir algo que esteja dentro de suas limitações financeiras. Os adolescentes do nível III são capazes de inferir sobre as diversas possibilidades de consumir produtos adequados à quantidade de dinheiro que possuem. Eles entendem que o dinheiro é um meio de troca por produtos e serviços e serve para fazer aplicações para usá-lo futuramente.

Com relação à realidade social, os sujeitos do nível pré-I ainda não compreendem que nem todas as pessoas possuem dinheiro para comprar coisas. Essa compreensão começa no nível I, mas os sujeitos não justificam coerentemente, pois não possuem aparatos cognitivos para tal. As crianças do nível II e os adolescentes do nível III compreendem a realidade de que nem todas as pessoas possuem dinheiro para comprar coisas de que precisam, porque muitas pessoas não possuem trabalho, moram na rua e pedem esmolas.

As representações dos sujeitos de 4 a 13 anos confirmaram que as crianças e os adolescentes, ao emitirem suas ideias sobre o mundo econômico, que é um conhecimento construído socialmente, emitem ideias sobre toda a realidade social à sua volta, mostrando que os conhecimentos construídos são interligados.

As comparações feitas entre as representações das crianças e dos adolescentes pelos níveis de desenvolvimento pré-I, I, II e III sobre a inter-relação entre os recursos monetários e o consumo permitiram verificar a evolução desse conhecimento social e confirmar a hipótese do estudo. Ou seja, as representações dos sujeitos vão-se modificando progressivamente. À medida que as crianças se desenvolvem, respondem com mais argumentos e com ideias cada vez mais interligadas, que partem de representações previamente formadas até as mais abstratas. Assim, em cada nível de conhecimento construído, as ideias dos sujeitos eram diferentes sobre a inter-relação entre o consumo e os recursos monetários, norteados por sua estrutura de pensamento.

No entanto, existem sujeitos na mesma faixa etária ou do mesmo estágio de desenvolvimento cognitivo que estão em níveis diferentes em relação ao desenvolvimento econômico. Isso ocorre porque os sujeitos recebem informações diferentes por meio da transmissão social. Além disso, eles precisam experimentar, agir sobre essas informações, assimilando-as à sua estrutura cognitiva, que está em constante organização.

Ressalta-se que os dados deste estudo sobre a inter-relação dos recursos monetários e do consumo dizem respeito a um grupo de sujeitos que frequentam escola pública, pertencentes a nível socioeconômico baixo, e fazem parte de determinada sociedade com determinados valores e cultura. No entanto, é preciso buscar, em outros estudos, compreender o que outras crianças e outros adolescentes de outros locais e níveis socioeconômicos diferentes, que pertençam a outra cultura, têm a dizer sobre os recursos econômicos e o consumo, bem como sobre outros temas relacionados ao conhecimento social. Novos estudos poderão encontrar dados que mostrem representações diferentes ou semelhantes às deste estudo.

9. REFERÊNCIAS

ALESSANDRINI, E. A. **Desenvolvimento afetivo de crianças pré-escolares em classe de período integral e parcial.** 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1997.

AMAR, J. A.; MARTÍNES, M. L.; LLANOS, R. A.; DENEGRI, M. Desarrollo del pensamiento econômico en niños de la región caribe colombiana. **Revista Latinoamericana de Psicología**, Bogotá, v. 35, n. 1, p. 7-18, 2003.

BARRETO, M. L. M. **Fundamentos da teoria piagetiana.** ECD 330 – Fundamentos da teoria piagetiana. Viçosa, MG: UFV, 2008 (Notas de Aula).

BARROSO, L. M. S. **As ideias das crianças e adolescentes sobre seus direitos: um estudo evolutivo à luz da teoria piagetiana.** 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

CANTELLI, V. C. B. **Um estudo psicogenético sobre as representações de escola em crianças e adolescentes.** 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

COLE, M.; COLE, S. R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente.** Porto Alegre: ArtMed, 2004.

DELVAL, J. **Introdução à prática do método clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

DELVAL, J.; DENEGRI, C. Concepciones evolutivas acerca de la fabricación del dinero I. Los tipos de comprensión. **Investigación en la escuela**, n. 48, p. 39-54, 2002.

DELVAL, J.; DENEGRI, C. Concepciones evolutivas acerca de la fabricación del dinero II. Los tipos de respuestas. **Investigación en la escuela**, n. 48, p. 55-70, 2002.

DENEGRI, M. **Introducción a la psicología econômica**. Bogotá: Psicom Editores, 2002.

GADE, C. **Psicologia do consumidor**. São Paulo: EPU, 1980.

ITURRA, R.; LARRAÍN, C. **Educación del consumidor**: democracia y ciudadanía. Manual para comprender, compartir y actuar. Santiago: Impresión Gráfica Ades, 1996

JAFFÉ, L.; SAINT-MARC, L. **Convivendo com o dinheiro**. São Paulo: Ática, 2005.

KARSAKLIAN, E. **Comportamento do consumidor**. São Paulo: Atlas, 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1964/2007. 136 p.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A Psicologia da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006. 144 p.

SOLOMON, M. R. **O comportamento do consumidor**: comprando, possuindo e sendo. Trad. por Lene Belon Ribeiro. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. 5. ed. Trad. por Esméria Rovai. São Paulo: Pioneira, 1997.

WADSWORTH, B. J. **Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau**. São Paulo: Pioneira, 1984